

QUESTÕES

DE

Pathologia e Hygiene social

59/2

N.º 2
N.º 674
RICARDO MARIA NOGUEIRA SOUTO



QUESTÕES

DE

PATHOLOGIA E HYGIENE SOCIAL

DESEJO DE CONTRIBUIR

PARA A

REGENERAÇÃO DA SOCIEDADE PORTUGUEZA



Dissertação Inaugural

APRESENTADA À

Eschola Medico-Cirurgica do Porto

Le devoir d'une société, c'est d'être un
organisme sain et fonctionnant librement,
sans entraves. Le moyen, c'est d'observer
les lois de l'hygiène sociale.

BORDIER.



PORTO

TYPOGRAPHIA OCCIDENTAL

66, Rua da Fabrica, 66

1891

59/2 EMC

ESCOLA MEDICO-CIRURGICA DO PORTO

CONSELHEIRO-DIRECTOR

VISCONDE DE OLIVEIRA

SECRETARIO

RICARDO D'ALMEIDA JORGE

CORPO DOCENTE

Professores proprietarios

1. ^a Cadeira—Anatomia descriptiva geral	João Pereira Dias Lebr.
2. ^a Cadeira—Physiologia	Vicente Urbino de Freitas.
3. ^a Cadeira—Historia natural dos medicamentos e materia me- dica	Dr. José Carlos Lopes.
4. ^a Cadeira—Pathologia externa e therapeutica externa	Antonio Joaquim de Moraes Caldas.
5. ^a Cadeira—Medicina operatoria.	Pedro Augusto Dias.
6. ^a Cadeira—Partos, doenças das mulheres de parto e dos re- cem-nascidos	Dr. Agostinho Antonio do Souto.
7. ^a Cadeira—Pathologia interna e therapeutica interna	Antonio d'Oliveira Monteiro.
8. ^a Cadeira—Clinica medica	Antonio d'Azevedo Maia.
9. ^a Cadeira—Clinica cirurgica	Eduardo Pereira Pimenta.
10. ^a Cadeira—Anatomia pathologi- ca	Augusto Henrique d'Almeida Brandão.
11. ^a Cadeira—Medicina legal, hy- giene privada e publica e to- xicologia	Manoel Rodrigues da Silva Pinto.
12. ^a Cadeira—Pathologia geral se- meiologia e historia medica.	Illidio Ayres Pereira do Valle.
Pharmacia	Isidoro da Fonseca Moura.

Professores jubilados

Secção medica	} João Xavier d'Oliveira Barros. José d'Andrade Gramacho.
Secção cirurgica	

Professores substitutos

Secção medica	} Antonio Placido da Costa. Maximiano A. d'Oliveira Lemos Junior. Ricardo d'Almeida Jorge.	
Secção cirurgica		Candido Augusto Correia de Pinho.

Demonstrador de Anatomia

Secção cirurgica	Roberto Belarmino do Rosario Frias.
----------------------------	-------------------------------------

A Escola não responde pelas doutrinas expendidas na dissertação e enunciadas nas proposições.

(*Regulamento da Escola*, de 23 d'abril de 1840, art. 155).

À MEMORIA

DE

MEU PAE

A

MINHA MÃE

A

MEUS IRMÃOS

E EM ESPECIAL

A

Antonio Augusto Nogueira Souto

que para mim tem sido um segundo pae

A MEU PRIMO

JOÃO NUNES DA SILVA

COMMANDANTE DO «MALANGE»

AO ILL.^{MO} E EX.^{MO} SNR.

CONSELHEIRO AUGUSTO MARIA DE CASTRO

E

SUA EX.^{MA} FAMILIA

AO

MEU ILLUSTRE PRESIDENTE

ILL.^{MO} E EX.^{MO} SNR.

RICARDO D'ALMEIDA JORGE

AO EX.^{MO} CORPO DOCENTE
DA
ESCHOLA MEDICO-CIRURGICA DO PORTO
E EM ESPECIAL
AO MEU ILLUSTRADO JURY

os Ill.^{mos} e Ex.^{mos} Snrs.

Dr. Agostinho Antonio do Souto
Dr. José Carlos Lopes
Dr. Pedro Augusto Dias
Dr. Maximiano de Lemos

AOS

MEUS CONDISCIPULOS E COMPANHEIROS DE CASA

Francisca Reis Santos
José Alberto dos Santos Pimenta
Benevaldo Luiz da Fonseca

Meus bons amigos :

Offereço-vos este modesto trabalho, não como penhor á nossa amizade, que não carece de incentivo que a acalente; mas em recordação principalmente da nossa camaradagem domestica, que é terminada juntamente com os estudos, sensações e devaneios que nos foram communs.

Quando no futuro abrires este livro em alguma hora d'ocio, sirva elle de trazer-vos á memoria esses bons tempos, que serão por certo a recordação mais saudosa da nossa vida

O VOSSO

R. Souto.

Prefacio	25
--------------------	----

EXPOSIÇÃO DE PRINCIPIOS

I—Breves considerações sobre a evolução da medicina. —Etiologia e pathogenia.—O meio social como campo da sua exploração.—A acção morbifica d'este meio é na rasão inversa da do meio cosmico.—Se á expressão <i>doenças sociaes</i> corresponde uma perfeita concepção scientifica	29
II—Analogia entre o homem e a sociedade: quanto á estrutura: quanto ás funcções: quanto á evolução.—Lei fundamental da natureza humana.—Leis physiologicas da sociedade e seus desvios.—Doenças sociaes.—A preponderancia da solidariedade sobre o egoismo como lei physiologico-social.	33
III—O novo campo da medicina.—Efeitos da concepção da sociedade como organismo solidario e harmonico.—Injustificavel radicalismo d'alguns sociologistas e pathologistas.—A acção morbifica do nosso meio social e a sua relação com a intensidade d'este.—A nossa estatistica corroborada pela estrangeira — Motivo da tardia concepção de doenças sociaes.—O novo apostolado e campanha da sciencia medica	39

EXEMPLIFICAÇÃO

CAPITULO I

Degenerescencia pela civilisação

I—Evolução da natureza physica e moral do homem.—Phase animal.—Phase psychica.—Phase intellectual.—O seculo e a vida moderna a toda a força do vapor.—O contraste.—A cumplicidade da civilisação nas doenças do systema nervoso	51
II—O parentesco etiologico e pathogenico entre as doenças nervosas e as doenças chronicas.—Influencia morbifica da civilisação sobre umas e outras.—Sua explicação	56

- III—O principio fundamental da educação como consequencia do exposto e dos periodos evolutivos do homem.—O contraste entre a educação ingleza e a educação portugueza.—O estado d'esta e a sua influencia morbifica.—O classico verbalismo.—Vida nova . . . 62

CAPITULO II

Degenerescencia legitimaria

- I—Definição e justificação da epigraphie d'este capitulo.—Estado da questão.—A herança na familia e o ataque dos socialistas.—O nosso evangelho. 67
- II—O regimen da egualdade entre os filhos.—Sua refutação pela anatomia.—Refutação pela physiologia.—Refutação pela pathologia 70
- III—Refutação do regimen da egualdade perante os factos do nosso meio social. 74
- IV—O regimen da egualdade obrigatoria não é necessario como garantia da democracia.—E' antes um attentado contra ella.—A Inglaterra e os Estados-Unidos 76
- V—Effeitos do regimen da egualdade obrigatoria como fonte de degenerescencia do individuo e da especie.—Os ricos que antes de o serem já o eram: elementos perturbadores e dissolventes.—Os pequenos herdeiros e a emprego-mania: o parasitismo.—A preocupação dos paes.—Os casamentos e a pathologia: a nefasta theoria da egualdade dos matrimonios. . . . 78

CAPITULO III

Degenerescencia pelo militarismo

- I—Rasão especial d'este capitulo 84
- II—O militarismo perante os economistas e perante os pathologistas.—O abaixamento das curvas dos casamentos e dos filhos legitimos.—A guerra da Criméa.—Manifesta decadencia physica verificada pelas juntas revisoras vinte annos depois das guerras.—A rasão d'isso.—A morbidez e a mortalidade na classe militar e suas causas.—A cifra das vidas e dos milhões devorados em 14 annos pelas guerras europeas.—A Europa contemporanea pôde considerar-se barbara e dissipadora.—O militarismo opera uma selecção no sentido da decadencia da nossa especie.—Reacção. 86



PREFACIO



ESITAMOS sobre o assumpto a escolher para these que segundo a lei é a corôa dos nossos trabalhos escolares.

Pensámos e preparavamo-nos para escrevel-a sobre a criminologia moderna, que baseando-se nos progressos dos estudos anthropologicos e da sociologia ameaça derruir os codigos penaes de todas as nações, preocupando vivamente sobretudo na Europa a attenção dos sabios e dos professores.

Mas de regresso a casa apóz as provas finaes do 5.^o anno, circumstancias particulares nos impediram absolutamente do desempenho de semelhante formalidade.

Quando depois, modificadas essas circumstancias, volvemos a cogitar n'esse dever, começou a saltar-nos o espirito uma nova ordem de ideias. Sentimos que elle se achava tambem naturalmente preso á preocupação e subito arrebato de todos os portuguezes pelas desgraças da patria, tão descarovelmente aggravadas pela triste revolta de 31 de janeiro, que enlutára e envergonhára esta laboriosa, invicta e heroica cidade.

E, como se tudo não fôra de mais para naturalmente chamar a nossa attenção, veio ainda a dolorosa circumstancia de vermos implicados na revolta alguns collegas, não sabemos se innocentes se cúmplices de mera boa fé, desventura que por certo fez vibrar a alma dos nossos respeitaveis professores, especialmente d'aquelles de quem esses infelizes lograram a honra de ser discipulos.

Suspeito de tentar o manifesto assassinio da patria até alguém da mocidade academica, que foi sempre a milicia generosa e ardente dos nossos ideaes!

Como tantos e tão graves infortunios são os effeitos terriveis e esmagadores do estado de desanimo e de decadencia em que tristemente se exhibe a nossa sociedade!

Affigura-se-nos que o meio de curar este

estado morbido que a corroe, é combater ou extinguir as causas de tantos males; nem haverá cura que não seja profundamente etiologica. Não é a revolução da republica ou da monarchia, mas a revolução do paiz contra si proprio. E' necessario, essencial que elle se torne quanto possivel um organismo são, e o meio principal de conseguil-o é observar os principios e leis da hygiene social.

Sob o imperio d'estas considerações e sob o influxo d'esse patriotico e santo pensamento da regeneração da sociedade portugueza, pensamento de todos e que de todos exige a cooperação, por mais obscuros que sejam, é que concebemos e damos a lume o nosso modestissimo trabalho.

Na 1.^a parte vão expostas as bases da theoria que concebemos sobre tão momentoso assumpto; a 2.^a consta de alguns capitulos em que tentamos exemplificar em parte os principios alli enunciados.

Não foi sómente a falta de tempo e de saber que nos inhibiu de dar maior desenvolvimento, senão tambem a vastidão e a alta magnitude do assumpto.

Encarando-o tão d'alto e com tão largas vistas, bastantes foram ainda assim as difficuldades com que luctamos no que escrevemos, por

ser o campo escabroso e frouxo o auxilio dos tratadistas.

Sirva esta circumstancia de attraír a benevolencia dos nossos illustres professores e da critica para os erros e deficiencias do nosso trabalho.

Já um escriptor disse que um bom livro é sempre bom, mas que é melhor ainda quando ao seu valor intrinseco junta o que provem das circumstancias exteriores em que é publicado. O nosso trabalho não terá o merito intrinseco, mas tem, certamente, o da opportunidade.

Não perdemos a esperanza de, ulteriormente, darmos maior desenvolvimento aos principios enunciados.

Entretanto fazemos votos para que algum dos talentos illustres da nossa terra que cultivam e honram a sciencia, acuda com as suas luzes a supprir ou a corrigir as imperfeições do nosso modesto trabalho e chame com maior auctoridade a attenção do povo, dos publicistas e dos governos para um dos assumptos que mais interessam á sociedade.



EXPOSIÇÃO DE PRINCIPIOS

I

Breves considerações sobre a evolução da medicina.—Etiologia e pathogenia.—O meio social como campo da sua exploração.—A acção morbifica d'este meio é na rasão inversa da do meio cosmico.—Se á expressão *doenças sociaes* corresponde uma perfeita concepção scientifica.

E' sabido que o empirismo creára a therapeutica, consubstanciando em si atravez de gerações e de seculos toda a sciencia medica. Esta não podia porém deixar de avançar com as sciencias chamadas positivas, e formou-se á proporção que ellas se adeantaram, desenvolvendo-se e progredindo quasi que á custa d'ellas.

No seculo xvi os phisicos e os chimicos desbravaram-lhe o terreno ainda ingrato; no seculo xviii physiologistas eminentes como Cl. Bernard e Magendie sulcaram-n'ó e prepararam-n'ó; hodiernamente Pasteur com a sua es-

chola está fazendo essa sementeira fecunda e brilhante que, abrindo-lhe um vastissimo campo de cultura e horisontes quasi illimitados, é o acontecimento scientifico mais portentoso do seculo XIX.

Até os climatologos lhe prestaram um auxilio valioso, ministrando a constituição medica dos differentes pontos do globo.

Orientando a sua investigação e applicação á luz de todos estes elementos, a medicina toma uma phase nova. De empirica e symptomatica a therapeutica torna-se racional e scientifica. A etiologia morbida e a pathogenia constituem a característica culminante d'este periodo de extraordinario progresso que vamos atravessando. Em torno d'ellas redobram os esforços, surgem e multiplicam-se as descobertas, e as suas consequencias therapeuticas e prophylacticas são a gloria immarcessivel da ultima metade d'este seculo.

Na verdade, etiologia e pathogenia são a chave que abre a porta a todos os phenomenos pathologicos, e fornecem o unico criterio possivel d'uma therapeutica racional e heroica.

Sem ellas, não teriamos hoje a prophylaxia, a vaccina contra a variola e mesmo contra a raiva, como certamente não poderiamos ter amanhã a vaccina contra a serie infinita de

doenças bacteridianas e parasitarias que constantemente assaltam e ameaçam a existencia da especie humana.

Mas tantos e tão fecundos estudos, por mais relevantes e assombrosos, são apenas as primeiras pedras do grande edificio que a sciencia tem a construir.

Ha muito, muitissimo que estudar e pensar n'este campo de investigações. Até aqui era o meio cosmico que preocupava e absorvia a attenção dos pathologistas; d'ora avante tem ella de convergir e concentrar-se principalmente no meio interior—o *social*.

A acção morbifica do primeiro tem diminuido e tende a desaparecer, graças a essa lucta perseverante e encarniçada contra a natureza physica, em que o homem se tem coberto de gloria.

Mas quem não vê que a do segundo progride e nos assoberba, arrastando-nos n'um declive de decadencia e degeneração physica e moral para um abysmo de perdição? Quem desconhece que o homem se tem deixado engolfar na vertigem fatal de vicios e de encantos com que o meio social, lenta e successivamente, nos tem ido sugando e envenenando o sangue, arruinando e corroendo a existencia?

E' talvez a dolorosa evidencia de semelhan-

tes phenomenos que na linguagem ordinaria vai dando curso á expressão — *doenças sociaes*, expressão magnifica e retumbante que vemos usada e abusada por sociologistas contemporaneos, e que entre nós vai servindo para uso da banalidade rhetorica e do patriotismo avariado.

O que porém ainda não vimos demonstrado, e que é preciso e urge demonstrar, é que a esta expressão corresponde uma perfeita concepção scientifica.

II

Analogia entre o homem e a sociedade: quanto á estructura: quanto ás funcções: quanto á evolução.—Lei fundamental da natureza humana.—Leis physiologicas da sociedade e seus desvios.—A preponderancia da solidariedade sobre o egoismo como lei physiologico-social.

Uma noção scientifica já em voga é que a sociedade é um organismo harmonico e solidario, semelhante ao homem pela sua estrutura, pelas suas funcções e pela sua evolução.

Encarada no ponto de vista da estructura, é como elle formada de elementos cellulares — os individuos, os cidadãos, unidos pela sociabilidade, que é a sua grande força de attracção.

Quanto ás funcções, assim como elle é constituido por cellulas proprias para a secreção, para a contractibilidade, para a transmissibilidade e para a elaboração do pensamento tambem ha n'ella esta grande lei da divisão do trabalho, o polymorphismo funccional arrastando o polymorphismo organico, de que são teste-

munho irrecusavel e visivel as profissões. E tem até a sua sciencia physiologica — a sociologia.

E quanto á evolução; pois as sociedades como os homens teem os seus periodos de infancia, de adolescencia, de virilidade e reprodução, de decadencia e de morte.

Bastaria frisar succintamente, singelamente esta triplice analogia para demonstrar que a sociedade é um organismo harmonico e solidario, em que se repercutem as doenças dos individuos que a constituem, do mesmo modo que este phenomeno se opera entre estes individuos e as suas cellulas.

Mas argumento directo e decisivo affigura-se-me este principio superior de unidade de fim, que identifica e confunde o homem e a sociedade. Ha n'elle dois instinctos poderosos que dominam toda a sua vida e constituem a impulsão primaria de todas as acções: o instincto da conservação pessoal e o da reprodução. Conservar o individuo e a especie — tal é a lei fundamental da natureza humana e o criterio physiologico das sociedades.

Se para os physiologistas são ainda obscuras as forças que actuam nas operações intimas de nutrição e reprodução, não assim com os seus effectos, que são claros e irrecusaveis. Não

se sabe, por exemplo, porque o cavallo não pode exceder a idade de trinta e cinco annos, enquanto o homem, o menos corpulento, o mais debil, pode ultrapassar os setenta. Mas o que é certo, é que os dois instinctos fundamentaes se manifestam na sua expressão mais simples — o da conservação pessoal, com o seu estímulo no estomago, sob a forma da fome; o da conservação da especie, com o seu estímulo nos centros affectivos, sob a forma do amor; e que o homem, como todo o ser vivo, é destinado desde o nascimento a uma duração vital determinada que nada é capaz de prolongar, mas que a acção inopinada do mundo externo pode reduzir.

De maneira que a vida d'uma sociedade impõe-lhe a ella e a cada um dos seus membros esta missão suprema e sagrada de procurar a legitima expansão das innumeraveis forças e faculdades, cujo germen é a essencia do organismo humano e que se revelam n'aquellas duas categorias de instinctos, desenvolvendo e aperfeiçoando de modo regular, efficaz e harmonico a natureza physica e moral do homem em ordem a assegurar a este e á sociedade toda a sua força vital. Eis ahi o dynamismo e as leis physiologicas das sociedades.

Portanto, todas as leis e instituições orga-

nicas d'uma sociedade e todas as prescripções, usos e costumes do seu meio convencional que, em vez de protegerem e promoverem esta expansão vital do organismo, este desenvolvimento e progresso moral e physico da natureza humana, pelo contrario as enfraqueçam, as paralysem, as contrariem ou pervertam, constituem evidentemente desvios d'essas leis physiologicas e abrem o campo da pathologia social. Attentar contra esse principio de unidade superior e harmonica, que é a vida das sociedades, é fomentar a decadencia e a morte dos associados, é fazer que esta seja, não o termo da usura natural do organismo que é consequencia da velhice, mas produzida, na phrase d'um dos cerebros contemporaneos mais portentosos, *par des conditions défavorables d'existence ou par l'action de lois nuisibles et insensées.*

Eis ahi a proveniencia ou a etiologia das doenças sociaes, expressão esta de tanto mais rigor medico quanto é verdade assente para a sciencia que a etiologia em regra caracteriza as doenças e é o unico criterio scientifico para a sua classificação.

Resalta tambem d'este rapido bosquejo uma lei physiologico-social que cumpre aqui particularisar. Porque o homem pela lei suprema do seu destino é ao mesmo tempo individua-

lista e preso á sociedade, que é o seu complemento natural, e fóra da qual nem sequer poderia lutar pela existencia elle, o mais mal armado dos animaes para o isolamento, a preponderancia da solidariedade sobre o egoismo por tal fórma se impõe como dogma redemptor das modernas sociedades, que na relação d'estes dois sentimentos no seio de cada povo está a medida da sua força vital.

Quanto mais numerosos são os individuos que poem o interesse proprio acima de todos os deveres de solidariedade e de todo o ideal de desenvolvimento da especie, tanto mais proximo é o termo da vitalidade. Pelo contrario, quanto maior é o numero de individuos dominados pelo heroismo, pela abnegação e sacrificio pessoal, tanto mais poderosa é a força vital d'uma nação. O abatimento do espirito de familia, como o d'um povo, começa fatalmente com a preponderancia do egoismo.

Assim se explica a decadencia e estado actual da nação portugueza, em contraposição aos venturosos tempos do nosso venturoso rei D. Manoel. Então encheu-se de gloria e assombrou o mundo inteiro com as descobertas da Africa oriental, das Indias e do Brazil, porque havia portuguezes como Pero da Covilhã, Vasco da Gama e Alvares Cabral, como D. Fran-

cisco d'Almeida, Affonso d'Albuquerque, D. João de Castro, personificações brilhantes de grandeza e amor da patria, symbolos do genio, da coragem e valor, do heroismo, da abnegação, da pureza e justiça.

E para não alargarmos mais a demonstração d'esta lei physiologica das sociedades, que se nos entolha fundamental e evidente, assim se explica a decadencia da Roma dos Cesares, de que fôra epilogo fatal a morte d'essa grande e assombrosa nação. Ante a marcha triumphal do egoismo desapareceu toda a solidariedade social: abriram-se as portas da desmoralisação e os costumes corriam soltos; o vicio e a corrupção já não encontravam barreiras.

A coragem e o valor dos antigos romanos havia degenerado. E até o amor da patria que tantas vezes fôra o seu Deus das batalhas, até esse se extinguiu por completo, extinctos os brios nacionaes e todos os sentimentos de solidariedade.

III

O novo campo da medicina. — Efeitos da concepção da sociedade como organismo solidario e harmonico. — Injustificavel radicalismo d'alguns sociologistas e pathologistas. — A acção morbifica do nosso meio social e a sua relação com a intensidade d'este. — A nossa estatistica corroborada pela estrangeira — Motivo da tardia concepção de doenças sociaes. — O novo apostolado e campanha da sciencia medica.

Accentuada a noção de doenças sociaes, ressaltam a extraordinaria vastidão e a enorme complexidade do novo campo que se abre á investigação e á acção da sciencia medica.

Relacionada com os variados ramos do saber humano, tem de penetrar e percorrer os campos do direito, da economia politica e de todas as sciencias sociaes, para de conformidade com os progressos dos estudos philosophicos, biologicos, de anthropologia e de sociologia observar e analysar toda a prodigiosa e labyrinthica engrenagem dos phenomenos sociaes, formar, elevando-se do effeito á causa, o processo de todas as leis e prescripções e usos e costumes que produzirem phenomenos d'or-

dem pathologica, e seguidamente reclamar as modificações ou as leis de hygiene que fôrem precisas.

A verdade scientifica irrefragavel de que a sociedade é um organismo solidario e harmonico d'ordem superior não só patenteia que n'elle se repercutem os accidentes dos individuos ou elementos cellulares que o constituem, mas auctorisa e legitima, singela e eloquentemente, a expressão já hoje axiomatica — o homem é filho do meio social.

Com effeito, a saude e as doenças, a riqueza e a miseria, o trabalho e a ociosidade, o desinteresse e o egoismo, a moralidade e o vicio, a virtude e o crime, a bondade e a ferocidade, são, exemplificativamente fallando, modalidades e qualidades individuaes que interessam ou prejudicam, não só os homens a que respeitam, mas a sociedade de que fazem parte. A felicidade d'ella não é senão a somma das felicidades individuaes; do bom estado e conservação de cada um dos individuos depende a saude e a vida do organismo social.

Levados pela repercussão do mal individual n'este organismo, até alguns sociologistas e pathologistas estrangeiros, os poucos por quem vemos professado este assumpto, proclamam e bradam que não ha senão doenças sociaes.

E' um radicalismo a que, salva a homenagem da nossa altissima consideração, oppomos a theoria que professamos e levamos consignada, por isso que a etiologia é o unico criterio possivel da classificação das doenças.

Por outro lado, desde que as doenças dos individuos sejam produzidas ou influenciadas pelo estado geral e radicado da sociedade, não haverá cura que não seja profundamente etiológica. E, para ajuisar de como é complexa e nefasta a influencia morbifica do meio social, bastará memorar que os homens de ordinario são o que as leis e mais condições d'esse meio querem que elles sejam.

Até uma verdade hoje assente, graças aos ultimos e relevantissimos trabalhos da demographia, justamente considerada o escalpello do parenchyma das sociedades, é que a acção morbifica do meio social se impõe tanto mais terrivel e assustadora quanto mais intenso e pesado elle é.

É sabido que as cidades constituem um meio mais denso, mais complexo e exigente, sendo por assim dizer os pontos de *ossificação* do organismo social, onde a pressão do meio exterior é diminuta e a do meio interior extraordinaria e prodigiosa.

Pois, apesar de dois terços approximada-

mente da sua população, segundo os melhores calculos, serem gente valida e robusta, constantemente vinda das provincias nas melhores condições de saude e de idade, demonstram os estudos demographicos que n'aquellas são muito maiores e deveras assustadores os vicios e a prostituição, a morbidez e mortalidade, os crimes e a degenerescencia, os suicidios e as loucuras, em summa todos os caracteristicos que denotam uma regressão no homem moral e no homem physico.

Poderíamos ficar na generalidade d'esta these tão incontestada como incontestavel, mas para satisfazermos quiçá aos escrupulos de muitos e sobretudo ás exigencias da sciencia moderna em assumpto de tanta magnitude, adduziremos em comprovação alguns dos principaes dados estatisticos tão succinta e resumidamente, quanto o reclama a indole d'este trabalho.

De criação moderna é a repartição de estatistica ¹ que hoje possuímos no ministerio das obras publicas, o que equivale a dizer que os seus trabalhos ainda não podem competir com

¹ Ao snr. Eduardo Villaça, seu dignissimo chefe, a cujo talento, trabalho e zelo ella principalmente deve o que é, cabe-nos aqui agradecer a boa vontade e promptidão com que nos ministrou os elementos de que havíamos mister.

os d'outros paizès. Todavia, e apesar de lutar com a falta de elementos e informações indispensaveis, com a má vontade do publico e por vezes das estações competentes, tem ella já affirmado brilhantemente a sua existencia com publicação de trabalhos interessantissimos, um dos quaes recentemente sahido a lume, é a *Estatistica* especial da população no anno de 1887, de que extrahimos os elementos estatisticos referentes ao nosso paiz.

A percentagem dos nascimentos illegitimos é em Lisboa de 34 por cento (mais d'um terço), no Porto de 25 (um quarto), entretanto que nas nossas cidades de 2.^a e 3.^a ordem dá a média commum de 12 (um oitavo), que extrahimos em face dos elementos respectivos a cada uma, e desce nos concelhos ruraes por fórma que chega a ser de 2, como em Barrancas e em Serpa, e até de 1, como em Villa Velha do Rodam.

Terriveis e esmagadoras sobretudo as percentagens de Lisboa e Porto. Quem pôde occultar que são uma das provas mais eloquentes da nossa decadencia e degenerescencia, attendendo a que d'esse exercito de creaturas humanas sem pae que as sustente e eduque, aquellas que na primeira infancia logram escapar á morte vão principalmente engrossar as fileiras

da miseria e do crime, atulhar os hospitaes e as cadeias?

N'este ponto, note-se, estamos infelizmente acima até da propria França, que é em toda a Europa a nação que mais se preocupa com as causas da sua visivel despolação, em cujo numero a sorte dos filhos illegitimos avulta por fórma que a sua mortalidade segundo calculos recentes de que falla Rivet ¹, excede alli o triplo da dos legitimos, chegando a attingir a espantosa cifra de 95 por 100. Pois a percentagem dos nascimentos illegitimos é em Paris de 28, enquanto em Lisboa é de 34!

Como phenomeno correlativo, o numero dos casamentos está na razão inversa da intensidade do meio social. Assim, ao passo que em Lisboa é de 6 por 1:000 habitantes, nas outras cidades do reino é de 7, 8, 9 e mais.

Vejamos agora a mortalidade.

E' de 35 e 37 por 1:000 habitantes nos concelhos de Lisboa e Porto, e decresce nos outros concelhos do reino, dando n'estes a média commum de 19, e em alguns, como Sant'Iago de Cacem e Ponte da Barca, a percentagem de 8 em cada um.

Eis ahi outro facto tristemente significati-

¹ Recherche de la paternité, 1890.

vo. A mortalidade, que é thermometro das influencias morbificas e sua gravidade, bem como da depressão d'um povo, não só augmenta extraordinariamente com a intensidade do nosso meio social, senão até em Lisboa e Porto é muito maior que em Paris, onde não passa de 28 por 1:000!

Para avivarmos as sombrias cores d'este generico e succinto quadro com a preciosa luz d'outras condições demographicas em que a nossa estatistica é omissa, observaremos que ainda na França, consoante uma serie de calculos alli feitos, a edade média dos obitos é em Paris de 24 annos para os naturaes da cidade e de 30 para os outros habitantes, sendo de 36 annos com relação a todas as demais povoações.

E, como phenomenos correlativos que são, ajuntaremos que, segundo o interessante estudo do dr. Lagneau, a extincção das familias na capital da França é um facto vulgar; e que, conforme asseveram outros demographos notaveis, as familias parisienses raramente se perpetuam além da quarta geração, succedendo que as classes pobres perdem a potencia proli-fica depois da terceira.

Frisaremos por ultimo, como prova da grande decadencia da população urbana, que na

Inglaterra, em 1875, Francis Galton fez um curioso confronto de escolares de 14 annos, tomando como objectivo d'este estudo 509 que habitavam Londres e 296 que viviam no campo, e constatou que todos os da cidade tinham a menos 3 centímetros de altura e 3 kilogrammas de peso.

Mas, se o meio social é assim a grande officina onde se fabricam quasi todas as modalidades morbidas, se a sua acção é tão morbifica e fatal que faz lembrar a celebre phrase de Rousseau de que as cidades são a voragem da especie humana, porque é que para os pathologistas tem existido até agora sómente doenças individuaes?

A meu vêr, é que nas doenças e diatheses do organismo social o methodo de observação e estudo, sendo diverso do seguido nas doenças individuaes, carecia dos vastos e complexos elementos hoje ministrados por outras sciencias, e nomeadamente pelos recentes e importantissimos progressos da sociologia e da demographia.

Nas individuaes o que primeiro nos surpreendeu, foram os symptomas espectaculosos provenientes do estado geral do homem. As primeiras lesões verificadas são as que affectam grandes extensões á superficie, ou um systema

inteiro de órgãos. Só mais tarde quando pudemos descer á intimidade estructural dos tecidos morbidos, graças á histologia e anatomia pathologica, é que verificámos que as doenças são devidas a perturbações iniciaes nos elementos cellulares, só visiveis ao microscopio, sendo aquellas lesões já secundarias. E' pois da unidade cellular que partiu o processo morbido, mas é do conjuncto que procede a observação clinica. Pelo contrario, nas doenças sociaes a observação parte da unidade social — do individuo para o todo.

Primeiramente impressionam-nos, analysam-se e descrevem-se as modalidades morbidas, as lesões e as diatheses dos individuos; estudam-se as diferenças de tamanho, de qualidade e de hierarchia entre elles nos diferentes paizes; observam-se as relações que ligam entre si esses individuos e o machinismo social em que vivem.

Depois, vê-se que uns se atrophiam, degeneram ou morrem, porque uma existencia normal se lhes torna impossivel n'um meio social viciado e até pervertido; que outros são vencidos ou eliminados, porque a constituição social os não protegera na lucta pela vida. Vê-se, por exemplo, que os ricos adoecem ou morrem atormentados pelo nervosismo, entorpeci-

dos pela gotta e pela inactividade, gastos pelos prazeres e pelos vicios; que os pobres desfallecem ou succumbem por effeito d'uma alimentação deficiente, devorados pela miseria, acabrunhados pela fadiga.

Montanhas d'ouro cercadas por abysmos de miseria!

Eis em resumo porque em face de tamanha engrenagem de phenomenos, como da complexidade de estudos de que são objectivo, só modernamente pôde a medicina assentar a noção de doenças sociaes, e explorar o vastissimo campo que ella lhe abre.

Mas dissemos que a esta sciencia cabia tambem reclamar as modificações ou leis de hygiene social que fossem mister.

Effectivamente, não basta ponderar a anatomia normal ou pathologica d'uma sociedade; do mesmo modo que não basta averiguar que um homem é gottoso, que os seus humores estão alterados, que a genese dos seus tecidos em sua renovação incessante se opera d'uma maneira lenta e imperfeita.

Tudo seria inane, se não servisse ao medico para deduzir e formular o respectivo regimen.

E' pois necessario que a medicina prosiga com ardor na grande obra da regeneração do nosso pobre organismo social.

Cumpre-lhe travar uma lucta serena e magestosa contra o empirismo de fazer e desfazer leis, de governar, de fazer therapeutica social, desattendendo a anatomia da sociedade e contrariando e pervertendo as suas leis physiologicas.

Cumpre-lhe iniciar e desenvolver um incessante e porfioso apostolado de therapeutica e de hygiene social, fazendo os seus estudos, ordenando e fazendo valer as suas consequencias e applicações sobre os nossos habitos e costumes, sobre todas as prescrições e influencias da nossa civilização e meio social, sobre as leis e toda a constituição organica da nossa sociedade, e operando em tudo uma dranagem profunda que extirpe e previna tão grossas e infinitas raizes e tão complexas e innumeraveis causas da nossa degenerescencia physica e moral.

Urge encetar e travar fervorosamente essa grande campanha, porque «o dever d'uma sociedade é ser um organismo são e que funcione livremente sem obstaculos», e o meio é sobretudo observar os principios e leis de hygiene social.



EXEMPLIFICAÇÃO

CAPITULO I

Degenerescencia pela civilisação

I

Evolução da natureza physica e moral do homem.—Phase animal.—Phase psychica.—Phase intellectual. —O seculo e a vida moderna a toda a força do vapor. — O contraste.—A cumplicidade da civilisação nas doenças do systema nervoso.

Do justo equilibrio entre a natureza physica e a natureza moral do homem depende essencialmente o seu bem-estar e o seu aperfeiçoamento progressivo.

E' sabido que a humanidade, antes de produzir philosophos, litteratos e homens de sciencia, creára os Hercules que com a força e a coragem prepararam a conquista do mundo para a civilisação.

Ao passo que a civilisação avança, vae diminuindo a vida animal, accentuando-se a de-

cadencia e a atrophia dos orgãos e das funcções, augmentando a vulnerabilidade.

Com effeito nos graus inferiores da civilisação, quando o homem, errante ainda, procura uma alimentação incerta, a sua necessidade quasi unica, a sua preocupação constante — é comer.

N'essas epocas primitivas a sua vida era toda muscular e digestiva, inteiramente animal, oppondo ás causas morbificas uma resistencia hoje desconhecida.

Mais tarde formam-se agrupamentos, pensa-se na divisão do trabalho, sente-se a necessidade ou o desejo de adaptar o systema nervoso a mais alguma coisa que ao movimento muscular; lançam-se os rudimentos da sociedade, e concepções assás extravagantes, mais ou menos religiosas, vêem entreter e povoar o espirito. E' o começo da vida affectiva.

Esta progride e a phase *psychica* apparece, correspondendo ás civilisações da antiguidade, com todas as concepções monotheistas e polytheistas, com todo o vigor e despotismo d'uma metaphysica universal.

Chega finalmente a phase *intellectual*, libertando o espirito humano das algemas da ignorancia e da superstição, que com seus destroços

ainda fumegantes juncam de obstaculos a derrota que levamos.

O que a civilização tem attingido na ultima metade d'este seculo, é a glorificação mais completa do trabalho e da intelligencia humana.

E' este decididamente o seculo do movimento acelerado. «A modesta diligencia que em curtas jornadas rodava pelas estradas reaes dos bons tempos antigos, era a imagem fiel da vida de então; assim como o trem-relampago que anda cem kilometros por hora, é o symbolo da nossa vida a toda a força do vapor ¹».

Porém a este extraordinario grau de cultura do espirito não corresponde o desenvolvimento das forças phisicas e de seus órgãos. A vida animal é sacrificada pela intellectual que ameaça absorver e consubstanciar em si toda a actividade humana.

A uma vida restricta e pouco accidentada succedera uma existencia febril, vertiginosa, cheia de accidentes e de responsabilidades. Outr'ora o regimen das castas impunha estreitos limites á actividade humana, aos seus desejos e appetites; hoje o regimen da liberdade e a glorificação do trabalho abriram-lhe todos os horisontes. A ambição da riqueza, a febre das

¹ Cullerre — *Nervosisme et Nevroses.*

honras e o desejo immoderado e insaciavel das posições sociaes e dos regalos e prazeres da vida põem o espirito humano n'uma agitação violenta, obrigando o cerebro a uma actividade excessiva que lhe perturba o equilibrio e o colloca n'uma permanente imminencia morbida.

No palco do mundo estão apparecendo sempre scenas novas, e acontecimentos d'um maravilhoso surprehendente encadeam-se com as d'um grande effeito dramatico. A vida de hoje é cheia d'estes contrastes.

O cerebro humano, ou melhor ainda o systema nervoso, semelhante a uma machina de precisão, tanto mais sujeita a desarranjos quanto mais delicada e melindrosa, não é de molde a supportar impunemente excitações e abalos tão violentos e rapidos, commoções tão intensas e variadas, todo o conjuncto de phenomenos produzidos e exaggerados pela civilisação que tem creado o nervosismo que hoje se agrava e diffunde dia a dia.

Os nossos sentidos, permanentemente em grande tensão pelo desenrolar d'estas impressões variadissimas e fatigantes, acham-se desfallecentes e exhaustos, carecendo por isso de excitantes cada vez mais fortes, de gosos exaggerados e excessos de toda a especie que suc-

cessivamente vão pervertendo o systema nervoso e arruinando o organismo.

Eis ahi o grande e profundo contraste da vida moderna.

Temos pois a vida muscular das sociedades primitivas substituida por uma vida toda nervosa; o trabalho dos braços substituido pelo trabalho continuo e fatigante do cerebro; os serviços rudes e grosseiros que os Hercules faziam, hoje desempenhados por animaes, pela propria natureza, especialmente pelo vapor e pela electricidade. E o sangue, abandonando os outros orgãos para affluir ao cerebro, congestiona-o, fazendo do homem um louco ou um paralytico geral com ideias de grandeza e mania ambiciosa.

Em face d'este quadro tão singello como esmagador, quem póde negar a cumplicidade da moderna civilisação n'essas graves e multiplices perturbações do systema nervoso que constituem uma das características culminantes da pathologia actual?

II

O parentesco etiologico e pathogenico entre as doenças nervosas e as doenças chronicas.—Influencia morbifica da civilização sobre umas e outras.—Sua explicação.

Mas outras doenças symptomatologicamente distinctas, etiologica e pathogenicamente identicas se desenvolvem juntas, se multiplicam e aggravam sob o imperio das mesmas causas.

E' o grupo das doenças chronicas intrinsicas.

Se é natural e vulgarissimo encontrarem-se n'um nevropatha ou psychopatha antecedentes de nervosismo, affirmam pathologistas eminentes e a clinica de todos os dias o corrobora que outras vezes elles não existem, antes se verificam manifestações variadas de doenças chronicas, como o rheumatismo, a gotta, a asthma, a diabetes, a lithiase, etc.

Estas doenças, ou se alternam na linha ascendente com as nervosas, ou apparecem simultaneamente em membros da mesma familia.

Predominando ellas no homem e as nervosas na mulher, é de notar que umas e outras se encontram nas mesmas classes sociaes e que todas assentam sobre o mesmo fundo morbido.

Ou seja pelo funesto poder d'uma herança diathetica ou por um gasto demasiado em trabalho cerebral e excessos de qualquer ordem; ou seja por um desequilibrio organico e afrouxamento de funcções, por falta de movimentos e outras causas accidentaes, acontece frequentemente uma de tres coisas. Ou os materiaes de reparação não soffrem as metamorphoses chemicas sufficientes para leval-os ao estado de assimilação; ou não chegam ao seu destino em quantidade que baste ás necessidades organicas; ou finalmente os elementos cellulares não possuem para a passagem mysteriosa da nutrição intima uma potencia assimiladora capaz de apropriar os materiaes que a circulação arrastou á sua esphera trophica.

Em todos estes casos a nutrição ou a reparação intima fica portanto deficiente e retardada, o que tudo se traduz por esta phrase assás

expressiva, mas de pouco rigor scientifico — *o sangue está empobrecido.*

D'este facto, aliás vulgar, das transmutações chímicas ficarem incompletas resulta que as substancias não soffrem toda a serie de metamorphoses ou reacções que as levem ao termo da sua assimilação e da sua desassimilação natural, e portanto a permanencia d'esses restos encrava o organismo e intoxica o sangue, que vae envenenar os tecidos, em vez de nutril-os e vitalisal-os. D'estes restos variados e complexos uns (acido urico e uratos) ou se depositam nos pontos onde a circulação é mais difficil e frouxa—as articulações—, gerando a gotta; ou se eliminam pela pelle, dando origem com a irritação produzida a eczemas e outras dermatoses. Outros normalmente dissolvidos no sangue precipitam-se ou não se utilisam, e assim a colestrina dá a lithiase, o assucar a diabetes; etc.

Ora estas substancias que produzem as doenças chronicas são exactamente as mesmas que, depositando-se ou circulando no sangue, envenenando-o, vão ferir os centros nervosos, intoxical-os ou irrital-os, produzindo um longo e complexo cortejo de nevropathias e degenerescencias psychicas.

Vejamos agora como a redução da nossa

actividade muscular concorre para este resultado.

O concerto da vida organica repousa sobre a incessante renovação da materia, sobre a assimilação de materiaes convenientemente elaborados, tirados ao sangue e ao ar inspirado, e sobre a eliminação d'outros improprios para se utilisarem ou já envelhecidos. Qualquer transtorno n'esta ordem de phenomenos produz a enfermidade e a morte. Por isso, quanto mais energica fôr a renovação, tanto mais a vida melhorará nas suas condições de rejuvenescimento, de força e duração.

Mas o estímulo d'essa renovação e remoçamento dos órgãos é determinado pela actividade d'esses mesmos órgãos. E o systema muscular, o mais generalisado e mais vasto dos systemas que constituem o corpo humano, pertence ao numero dos tecidos organicos que, pela sua actividade bem applicada, pela contracção de todas as suas fibras, possui no mais elevado grau a faculdade de transformar e renovar as substancias. E' este systema o mais apto para favorecer as transformações intimas da materia que constituem a base physica da vida, e imprimir impulso a todos os seus actos em completa harmonia com as leis da natureza, e ao mesmo tempo velocidade ao sangue,

veiculo de todos os materiaes de entrada ou de saída, de integração e de.sintegração. Os actos mais complexos da vida organica estão sob a sua dependencia, recebem o seu influxo, desde os primeiros momentos das funcções digestivas e respiratorias até aos ultimos processos de eliminação.

Está determinado por investigações physiologicas que um homem, cujos musculos funcionam permanentemente, tem de todo renovada a massa do seu corpo ao cabo de seis semanas, emquanto outro — cujos musculos não exercem a necessaria actividade, gasta pelo menos o dobro do tempo n'esta substituição.

Provado, como está, que a actividade muscular é o agente mais importante da nutrição intima e da expulsão dos restos improprios ou envelhecidos, nocivos uns e outros, é manifesto que a falta ou deficiencia de exercicio muscular importa uma reparação incompleta na usura dos elementos e nas forças do homem bem como a permanencia d'aquelles materiaes nocivos que encravam os orgãos ou intoxicam o sangue e vão ferir os centros nervosos, gerando os dois grupos de doenças já referidas.

Portanto as exigencias e progressos da nossa civilização, concentrando os nossos esforços no desenvolvimento da actividade do espirito,

no exercicio das mais elevadas funcções do cerebro, reduzindo e supprimindo progressivamente a vida muscular, são de certo a causa dos nossos maiores prazeres e encantos, mas não são menos os cúmplices de muitos dos soffrimentos que affligem e torturam a humanidade.

III

O principio fundamental da educação como consequencia do exposto e dos periodos evolutivos do homem.—O contraste entre a educação ingleza e a educação portugueza.—O estado d'esta e a sua influencia morbifica.—O classico verbalismo.—Vida nova.

Em face das considerações que precedem, quem ousará contestar que a solidez anatomica é a primeira condição do organismo e que sem ella não pôde esperar-se boa physiologia?

Pela ontogenia sabe-se já que a evolução do homem desde o nascimento é a miniatura ou a synthese da evolução da humanidade. Atravessa todas as phases d'esta como na vida intra-uterina tocára abreviadamente todos os graus da escala zoologica.

Quando nasce, não traz ainda a sua característica imprescindivel—a linguagem articulada. Possui apenas a linguagem automatica ou irreflectida, por meio da qual accusa as ne-

cessidades do estomago e tudo que o incommoda.

Durante annos continúa a ser o symbolo d'um verdadeiro selvagem nos seus instinctos e no seu egoismo.

São da phase da nutrição e entra na affectiva, periodo em que apparecem e predominam os sentimentos e as commoções. Vem depois a phase intellectual, a da razão pura.

De modo que do desenvolvimento anterior como da analyse d'estes periodos evolutivos infere-se rigorosamente o principio fundamental ou melhor ainda a formula da educação do homem: promover a cultura physica, base essencial da vida; desenvolver e dirigir as aptidões e faculdades efficaz e opportunamente; respeitar e fomentar o equilibrio entre os differentes orgãos, corrigindo ou evitando as tendencias e os desvios que attentem contra as leis physiologicas da natureza humana.

Tudo o que fôr conducente a prejudicar o desenvolvimento proporcionado dos orgãos e a estimular o das faculdades fóra do tempo, é contrariar essa natureza em vez de respeitá-la e protegê-la como é obrigação nossa; é pô-la em conflicto com as suas leis biologicas e augmentar a vulnerabilidade e a degenerescencia que, juntas ás influencias nocivas da civilisa-

ção, arrastam o homem n'uma vertigem fatal de decadencia, de cujo epilogo não é licito duvidar.

Respeitando-a e protegendo-a, habilitamos o elemento constituinte do organismo social a desempenhar no mais alto grau as suas funções em proveito proprio e da collectividade, e tornamol-o forte e vigoroso para resistir impunemente á maior parte dos ataques morbificos.

E' por este caminho que se tem orientado a educação ingleza e a americana.

Na Inglaterra a educação conta por tal fórma com os exercicios physicos que estes estão nos habitos da nação, mesmo nos d'aquellas pessoas mais dedicadas á vida cerebral. E' da consciencia d'este valor physico pessoal que nascem o genio emprehendedor e o espirito de iniciativa e de independencia que tanto caracterizam aquelle audacioso povo.

E se ha alguém que tenha em pouco aquelles preceitos é considerado uma creatura desprezível, incapaz de luctar pela vida e de exigir uma reparação á dignidade ultrajada.

• A nossa educação... que doloroso contraste!!

Em nenhuma outra nação culta se vota tão grande desprezo ao desenvolvimento dos órgãos.

Se aconselhamos os paes a mandarem seus filhos para as aulas de gymnastica, riem-se de quem isso lhes lembra.

Não se toma a serio que uma senhora ou um cavalheiro de elevada posição social se entregue a esses exercicios.

Mas o cerebro adquire precocemente um desenvolvimento extraordinario, fatiga-se com um estudo pesado, fastidioso e esteril, congestiona-se, hypertrophia-se, perturba-se ou degenera. Os outros orgãos são as victimas sacrificadas ao excesso cerebral.

E com o sacrificio d'esses orgãos nem sequer logramos uma boa cultura de espirito!

Em nossas escholas, o classico verbalismo impera soberano e os verdadeiros processos scientificos modernos — a experiencia e a observação — não conseguiram carta d'alforria.

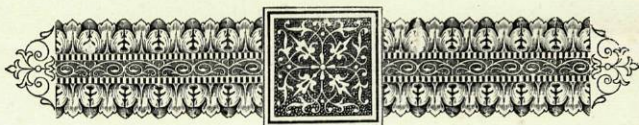
A nossa educação obedece na realidade a um criterio que está em manifesto conflicto com as leis da natureza humana, collaborando na nossa decadencia e ruina.

Em vez de servir-nos de elemento de progresso e de meio prophylactico, quem duvida que ella é o maior factor morbido a ajuntar-se ás nocivas influencias da civilisação!

Urge emanciparmo-nos e abrirmos os olhos á luz do mundo moderno.

O desenvolvimento do cerebro carece de ser opportuno, regular e efficaç.

A boa estructura organica, o vigor dos membros e a robustez do estomago não são o privilegio do mechanico, d'esta classe ou d'aquelle povo; devem constituir o patrimonio de quantos queiram supportar impunemente as consequencias morbificas da civilisação e avançar com ella.



CAPITULO II

Degenerescencia legitimaria

I

Definição e justificação da epigraphe d'este capitulo. — Estado da questão. — A herança na familia e os ataques dos socialistas. — O nosso evangelho.

As legitimas, taes quaes se acham estatuidas e encarnadas nas nossas leis e nos nossos habitos e costumes, affiguram-se-nos um poderoso factor sociologico de innumerous e constantes phenomenos de degenerescencia do individuo e da especie. E' o conjuncto d'estes phenomenos que designamos pela expressão que serve de epigraphe a este capitulo.

Parece que não incorreremos por isso na maldicção, nem nas iras dos nossos lexicographos. Se o qualificativo — legitimarios — no uso diario da lingua se pospõe ao termo — bens — para significar aquelles que dizem respeito ás *legitimas*, não será muito que adoptemos o pospositivo — legitimaria — para accentuarmos a degenerescencia moral e physica referente a ellas.

Preceitua o artigo 1:684 do codigo civil portuguez:

«Legitima é a porção de bens de que o testador *não pôde dispôr*, por ser applicada por lei «aos herdeiros em linha recta ascendente ou «descendente.

«§ unico. Esta porção consiste nas duas «terças partes dos bens do testador, salva a dis- «posição do artigo 1:787.»

Nos termos expressos e peremptorios d'esta lei, o testador que tem filhos pôde dispor sómente da terça parte de seus bens; os outros dois terços pertencem a esses filhos, que os herdam por *egual*, e em regra constituem um direito inauferivel, inviolavel e sagrado.

Que os paes não possam dispôr senão d'um terço em favor de extranhos comprehende-se, afim de que todos os outros bens constituam a herança dos filhos.

Ninguem ignora que, hoje mais que nunca, é o direito de herança accusado como cumplice de graves e profundos accidentes no organismo e vida das sociedades.

«Empenhemo-nos em modificar as bases do nosso edificio legal e social, abolindo a herança.» Todos adivinham quaes os sectarios d'este evangelho, porque a doutrina proclamada dá a ideia dos que a apregoam.

Luctam e porfiam n'esse ideal seitas socia-

listas, velhas, novas e renovadas, san-simonianos, equalitarios, communistas e nihilistas, um aguerrido exercito de publicistas e innovadores que, audaciosos e destemidos, são hoje a hydra da Europa inteira.

Sabemos quem são e o que pretendem. Não estamos com elles.

Queremos e exalçamos a herança na familia, porque a familia do homem é o proprio homem. Elle identifica-se com seus filhos. Sentindo-se responsaveis pela existencia que lhes deram, é para os filhos que os paes trabalham, economisam e amontoam; é para assegurar-lhes o futuro, que se impõem cuidados, sacrificios, privações. Não pôde haver lei que revogue estes sentimentos da natureza humana, que são mais fortes que todas as leis.

Tirae a esperanza de transmittirem o patrimonio aos filhos, e os paes não se dedicarão ao trabalho com o mesmo ardôr; perderão o espirito de ordem e de economia; tornar-se-hão indolentes, dissipadores, viciosos. Mais ainda: não evitareis que semelhante lei seja frustrada e escarnecida, em que pese a todos os legisladores do mundo.

Eis, em resumo, porque reputamos a herança um principio essencial á vida e progresso das sociedades, uma lei sociologica tão imperiosa e ineluctavel como as leis da mechanica ou da biologia.

II

O regimen da egualdade entre os filhos.—Sua refutação pela anatomia.—Refutação pela physiologia.—Refutação pela pathologia.

Mas a faculdade de dispor somente da terça dos bens, com quanto sufficiente e justa quando se applica em favor de extranhos, parece-nos demasiado diminuta, e inteiramente obnoxia, quando o direito de testar se exerce no seio da familia, e escolhe entre os proprios filhos.

Permitte-se que em favor d'um ou outro filho o testador só possa dispor d'uma diminuta parcella do seu patrimonio, porque da egualdade da partilha de todos os outros bens entre todos os filhos, fez a lei uma obrigação.

Admittida a causa, não podia deixar de admittir-se o effeito. Mas combatemos e fulminamos esta lei com todo o ardor d'uma sincera convicção.

Movem-nos ponderosas considerações anatomicas, physiologicas, pathologicas, e muitas outras de natureza social.

Na humanidade, como em nenhum dos outros seres da escala zoologica, não existe a egualdade absoluta.

A analyse organica demonstra que os individuos da especie humana não são eguaes na qualidade nem na quantidade. Na qualidade não, porque entre os elementos constitutivos dos organismos ha uns que são communs, taes como o oxygenio, o hydrogenio, o carbone, etc., e ha outros que o não são como o arsenico, o boro, etc.

Na quantidade tambem não, porque os elementos communs não se encontram em cada organismo nas mesmas proporções.

Esta verdade scientifica, que se verifica até entre irmãos em identicas condições sociaes, é reforçada pela physiologia. E' sabido que uma parte da nossa alimentação é destinada a reparar a usura dos órgãos, e que em regra os individuos não se servem precisamente das mesmas substancias ou de quantidades eguaes. Conclue-se d'aqui que são differentes as necessidades intimas, diversa a usura dos elementos, e portanto diversas as porções d'estes de individuo para individuo.

A estas differenciações anatomicas e phy-

siologicas correspondem necessariamente diferentes faculdades de acção e psychicas, e diferentes necessidades economicas. Ora, sendo o patrimonio do testador destinado a prover ás necessidades dos filhos, como admittir que seja repartido por equal? como acatar uma lei que está em opposição com a natureza?

Mais se accentúa o absurdo á luz da pathologia.

Generalisada e radicada como está, quem desconhece que a degenerescencia da especie humana, dentro da mesma geração, no seio da mesma familia, possúe essa mysteriosa influencia, que, a par de anemicos, rachiticos, paralyticos, em summa, de individuos impossibilitados de luctar pela vida, permite que outros sejam sadios, robustos, n'uma palavra, bem constituidos para por si sós proverem a todas as suas necessidades? N'uma familia de progenitores tuberculosos, por exemplo, é frequente ficarem os primeiros filhos immunes ao virus paterno, ao passo que os mais novos nascem já com esse estigma terrivel, que lhes flagella a existencia e ameaça destruil-a.

Este singello quadro é tão triste como esmagador. A lei que decreta a egualdade entre individuos collocados pela natureza em condições tão profundamente deseguaes, reveste as proporções d'um verdadeiro attentado. *La véri-*

table égalité, proclamam os melhores pensadores d'este seculo, *consiste à traiter inégalement des êtres inégaux*.

Repartir pelos que não precisam, e podem até viver ricos e felizes, os bens que tantas vezes mal chegam para as necessidades imprete-riveis dos irmãos infortunados, sem recursos e inhabilitados para o trabalho, é evidentemente votar estes filhos á miseria e quiçá á morte.

III

Refutação do regimen da egualdade perante os factos do nosso meio social.

Vem ainda o meio social, que cria novas desigualdades ou agrava as existentes.

Um pae dedicando os filhos a carreiras scientificas consegue dar-lhes posições elevadas e lucrativas, á custa da maior parte do seu patrimonio e dos maximos sacrificios d'elle e das filhas. Elles teem n'essa posição uma dotação que os torna independentes, incomparavel e immensamente superior á herança que aliás poderiam esperar por morte do pae, treplicam-n'a ou sextuplicam-n'a pelo casamento, vivem opulentos e felizes, enquanto ellas, além da condição do seu sexo, que lhes difficulta a vida, ficaram com a educação descurada e a saude compromettida pela parte que lhes coube n'essa nobilissima lucta de sacrificios.

Não estará o pae quite para com elles? não será ultrajar a equidade inhibil-o de applicar o que resta do patrimonio, para formar o dote das irmãs?

Até a penna nos estremece ao commentar esta lei monstruosa, que faz da virtude quasi um crime.

Mas ha mais, e melhor. Que diremos d'ella nos casos em que essas amarguradas irmãs á força de dedicação fraternal, ficaram impossibilitadas para o trabalho e perdidas de saude, e esse resto do patrimonio paterno apenas representa o estrictamente indispensavel á sua congruente sustentação n'este estado de enorme desventura e irremediavel desgraça, ou nem para isso chega?

Que lei tão criminosa e homicida!

Senhores reformadores sociaes; vós, observadores attentos do viver e costumes do nosso povo, e que sabeis como o interesse pessoal é o grande motor do genero humano, aqui tendes esta lei, que explica os motivos porque as familias agricolas, ainda as mais ricas ou remediadas, de ordinario se revoltam contra a ideia da educação scientifica ou professional d'alguns de seus filhos ou irmãos.

Não, não póde ser. Aos paes que são a providencia terrestre dos filhos, e que tiveram liberdade ampla para proverem á educação e necessidades d'estes durante a vida, não podem ser ligadas as mãos, precisamente quando mais carecem de tel-as livres e desembaraçadas, quando querem continuar a missão paternal para além do tumulto, e não têm outro meio senão a livre repartição de todos os seus bens.

IV

O regimen da egualdade obrigatoria não é necessario como garantia da democracia. — E' antes um attentado contra ella. — A Inglaterra e os Estados-Unidos.

Bem sabemos que o impedimento irrogado aos paes de favorecerem além d'um certo limite alguns dos filhos, em prejuizo dos outros, ha sido considerado um dos instrumentos da egualdade democratica, e nomeadamente o obstaculo necessario ao restabelecimento do direito de primogenitura.

Não ha que temer o regresso ás tradições do passado. Na Inglaterra, esse paiz que é na Europa a imagem viva do direito de primogenitura, póde este principio justificar-se como uma instituição politica, nunca como uma instituição civil.

E' uma prerogativa da aristocracia, concedida áquelles a quem o nascimento investira de funcções publicas.

Em Portugal, como em outras nações de-

mocraticas, esse privilegio, devido puramente ao acaso do nascimento, é odioso e incompatível com a egualdade penetrada e fundamentalmente gravada nos habitos e costumes.

Não são os Estados da America do Norte o exemplo prático da mais pura e brilhante democracia?

Pois emitemos essa extraordinaria e gloriosa nação, que até n'isto é modelo de sabedoria: a egualdade da partilha não é ahi imposta pela lei.

E comtudo a instituição d'um primogenito pareceria tão iniqua a um americano como aliás parece natural e justa a um inglez.

Em summa, o primeiro dever da democracia moderna é o respeito á liberdade nos limites traçados pela natureza e pelo ideal da justiça, e a liberdade do pae, cuja alma é o coração dos filhos, é, como levamos dicto, o correctivo necessario e imperioso á egualdade da partilha entre elles.

Não ha democratas, como não ha cerebros humanos, que concebam e acariciem uma lei que, sem estímulo para o bem e repressão contra o mal, equipára os bons e os maus filhos, a moralidade e o vicio, as virtudes e os crimes, a opulencia e a miseria, a felicidade e a desgraça.

V

Efeitos do regimen da egualdade obrigatoria como fonte de degenerescencia do individuo e da especie. — Os ricos que antes de o serem já o eram: elementos perturbadores e dissolventes. — Os pequenos herdeiros e a empregomania: o parasitismo. — A preocupação dos paes. — Os casamentos e a pathologia: a nefasta theoria da egualdade dos matrimonios.

Por outro lado, o regimen da egualdade obrigatoria fomenta a indolencia e o vicio, estes dois grandes factores da degenerescencia physica e moral do individuo e da especie. E ajuisar-se-ha das proporções e alcance d'este mal, memorando que a saude e a vitalidade do organismo social depende essencialmente do bom estado e da boa conservação de cada um dos seus elementos cellulares, — os individuos.

Como todos os filhos sabem que terão quinhão igual na herança paterna, contam com esta em vez de contarem sómente comsigo. E sem o aguilhão da necessidade fallece o esti-

mulo que poderia insufflar-lhes o espirito de iniciativa, tornal-os emprehendedores, commerciantes, industriaes, cidadãos uteis e prestantes.

Bastará relancear os olhos para os extranhos phenomenos que incessantemente se dão no nosso meio social.

Não preciso de trabalhar — é a phrase tristemente eloquente que reiteradas vezes temos ouvido no seio do povo, e que, nas povoações ruraes mais que nas urbanas, de ordinario anda na bocca d'aquelles a quem o acaso deparou paes relativamente ricos ou abastados. Mas incomparavelmente mais funesta que esta funesta doutrina, é a evidencia terrivel dos factos.

Demos o logar de honra aos grandes herdeiros.

Far-se-ha ideia de como cooperam no aperfeiçoamento proprio e da especie, e da acção que exercem sobre a sociedade com o ineffavel realismo do seu viver e costumes, lembrando que aquelles a quem a vertigem d'uma mocidade irrequieta e impetuosa não custa a propria vida ou a propria saude, esses mesmos, por via de regra, cavam para sempre a sua ruina economica. Perde-os o capitalismo e a agiotagem que na sua cobiça insaciavel lhes empolga o patrimonio futuro com os adeantamentos que vae fazendo, de sorte que o dia em que entram

na posse effectiva d'esse patrimonio, é, por assim dizer, o primeiro em que ficam sem elle.

E eis ahí a obra d'uma sciencia legislativa que, em sua alta sabedoria, applicou o caso da pescada a esses herdeiros que, graças ao direito hereditario, antes de serem ricos já o eram!

Vem seguidamente, e são estes os mais numerosos, os casos de familias regularmente abastadas em que cada filho, ao mesmo tempo que conta com a sua parte da herança paterna, sente a insufficiencia d'ella.

Contentam-se pois com um supprimento á almejada fortuna, e, como as posições sociaes de rendimento fixo sejam as unicas que os collocam ao abrigo das contingencias da sorte, vão de preferencia pedil-o a esses modernos conventos que se chamam *ministerios e repartições publicas*.

Aqui está, com toda a singeleza, uma das causas d'essa horrivel epidemia que, zombando de todos os antisepticos, definha e corroe o organismo social da nossa patria: a *emprego-mania*.

As pretensões assombrosas de tamanho mal fizeram dizer a um illustre estadista que metade de Portugal estava empregado e a outra metade desejava empregar-se. E note-se que, segundo os calculos dos nossos melhores publicistas, a maior parte dos empregados, ou por-

que não saibam, não possam ou não queiram saber do seu officio, ou por desnecessarios, apenas servem para embaraçar o serviço, de modo que o melhor que teem a fazer, é o que sómente fazem = *receber o ordenado*.

Assim, pondo mesmo de parte os effeitos d'esta invasora empregomania, que só de per si produz no organismo do paiz os estragos d'uma anemia progressiva de que é epilogo fatal a morte, eis, senhores legisladores, as bellezas da vossa lei: ou elementos perturbadores e dissolventes, ou parasitas; — estas duas graves doenças, cada uma das quaes daria um grosso volume de pathologia social.

Mas ha mais:

Como todas as esperanças dos filhos se concentram no patrimonio dos paes, preocupam-se estes mais em transmittil-o intacto, senão augmentado, que em dar áquelles uma boa e solida educação que os prepare para serem por si proprios, por seus merecimentos e trabalho, os artistas da sua fortuna. E assim receia-se uma prole numerosa que é não só um penoso encargo no presente, mas objecto de grandes inquietações para o futuro.

Depois, estas maximas praticas que entram no senso moral do nosso povo, estendem, é claro, o seu imperio degenerescente e fatal sobre os casamentos.

Que importa que esta nobre instituição represente a funcção mais sublime do organismo — a copula, e ao mesmo tempo o acto culminante da vida social, aquelle precisamente que não só decide da felicidade ou infelicidade dos filhos de hoje e cidadãos de amanhã, mas traz á sociedade as novas gerações que incessantemente a renovam?

Que importa que uma gotta de esperma transmitta aos futuros seres o germen imperceptivel de todos os defeitos organicos e psychicos dos seus progenitores?

Que importa que a herança morbida, esta lei implacavel da natureza, leve aos filhos as affecções, as doenças, a loucura, a imbecilidade, os instinctos, as paixões, os habitos, em summa, todos os predicados moraes e physicos dos paes dando á sociedade degenerados, inuteis ou nocivos?

A voz da sciencia é uma burla e uma heresia. Campeia o egoismo infrene na sua fórma a mais grosseira e nefasta. São as condições de fortuna dos nubentes, effectiva ou a herdar, pois, graças á lei, tão inaufervel se considera uma como a outra, o regulador unico ou supremo dos enlaces nupciaes.

E este criterio puramente mercantil impõe-se de modo tão terrivel e brutal que os matrimonios são reputados bons para um e outro

dos desposados só quando é igual ou approximadamente igual o patrimonio de ambos. E' a famigerada theoria dos *casamentos eguaes*, que sobre tudo nas nossas villas e aldeias é a arca santa dos costumes dos proprietarios, lavradores e fazendeiros.

A educação d'um filho e as suas qualidades pessoaes de trabalho valem uma grande fortuna, um thesouro até?

Não basta para que mereça a mão d'uma herdeira, ainda que muito inferior em educação e qualidades e que seja mesmo uma anemica, uma tuberculosa, uma doente de nevrose ou psychopathia.

Chamamos para tão momentoso assumpto a attenção dos homens competentes.



CAPITULO III

Degenerescencia pelo militarismo

I

Rasão especial d'este capitulo

O *ultimato* de 11 de janeiro de 1890 accordára dolorosamente o espirito nacional.

A' violencia brutal do acto e ao inesperado da situação correspondera uma commoção profunda no paiz, e um movimento sincero agitou-lhe todo o organismo. Venha a guerra! vamos a ella! — clamavam poucos; não! somos pequenos e fracos! — bradavam quasi todos.

Veiu depois esse periodo que se seguiu á apresentação do tratado de 20 d'agosto, e em que a alma nacional evidenciou a grandeza da sua dôr e a força do seu patriotismo.

E quando a nação assim convulsionada e receiosa, rendida á impotencia d'uma lucta armada contra a vil Inglaterra, vê congregados todos os partidos politicos e concentrados todos os elementos de ordem e de patriotismo

para se poder arcar com os arduos problemas da salvação nacional, uma vertigem tenebrosa apossa-se d'alguns elementos do exercito portuguez e, levando-os a calcar o dever e as gloriosas tradições da sua instituição, arrasta-os e precipita-os n'uma luçta fratricida!

Estes factos, que caracterisam o presente momento historico da nossa patria, movem-nos a considerar no ponto de vista do nosso trabalho a instituição do militarismo, na bella phrase de Naquet—este monumento da loucura humana que se chama a paz armada.

Bem sabemos que quando uma nação é ameaçada, e presentemente todas na Europa o estão ou podem razoavelmente suppol-o, é obrigada a pôr-se em estado de defeza, custe o que custar, porque o seu primeiro bem é a vida.

Queremos até reconhecer que a paz não pôde ser fecunda sem ser digna, e que a nação que se aviltasse para evitar a guerra, teria talvez de soffrel-a em condições mais desvantajosas.

Mas por isso mesmo é que ao velho adagio latino — *si vis pacem, para bellum* que tem sido programma dos Bismarks e dos Crispis, é mister contrapôr em todos os povos da Europa a causa da justiça e da sciencia, e que todos, por mais obscuros que sejam, contribuam para ella na alçada das suas forças.

II

O militarismo perante os economistas e perante os pathologistas.—O abaixamento das curvas dos casamentos e dos filhos legitimos.—A guerra da Crimêa.—Manifesta decadencia physica verificada pelas juntas revisoras vinte annos depois das guerras.—A razão d'isso.—A morbidez e a mortalidade na classe militar e suas causas.—A cifra das vidas e dos milhões devorados pelas guerras europeas.—A Europa contemporanea pode considerar-se barbara e dissipadora.—O militarismo opera uma selecção no sentido da decadencia da nossa especie.—Reacção.

Esta febre de militarismo, que tanto caracteriza a nossa epocha, é sob varios aspectos um factor de decadencia e de ruina.

Pois que significa esta loucura da paz armada? Evidentemente um phenomeno de atavismo social; uma ameaça permanente á tão desejada fraternidade universal; e um rochedo inabalavel de encontro ao qual se desfazem os mais generosos esforços da democracia moderna.

Os economistas horrorisados com esta preoccupação do seculo 19 entoam com ardente entusiasmo os cantos do seu exterminio. Consideram-n'a uma deploravel selecção de dinheiro que, desviado do curso natural, da agricultura e da industria, das artes e das sciencias, é consumido louca e improductivamente no

custeamento de grandes exercitos, e na aquisição e aperfeiçoamento de explosivos com que mais prompta e efficazmente se faz caça ao genero humano e se esmaga a consciencia dos povos!

Sem duvida o armamento forçado a que a victoria prussiana sujeitou a Europa inteira é a preocupação de todos os governos, a voragem dos seus orçamentos, a causa das suas dividas, o flagello e a ruina do contribuinte, em summa, o poderoso obstaculo que afrouxa e encrava a labyrintica engrenagem do progresso humano.

N'um notabilissimo artigo Alfred Neimark calculou com notavel exactidão o numero espantoso de milhões que annualmente devorava na ociosidade o exercito europeu.

Que progresso não fariam as sciencias, as industrias e todo o bem estar dos povos se aquellas montanhas d'ouro fossem empregadas no seu desenvolvimento moral e physico?

Mas se por ventura são estas as considerações que se impõem á attenção de publicistas eminentes como Naquet, Jules Simon e muitos outros de igual estatura intellectual, ha razões imperiosas de natureza pathologica que nos obrigam a proclamar a condemnação dos exercitos permanentes e das guerras.

Os mancebos mais pequenos, menos ro-

bustos e menos vigorosos, toda essa serie infinita onde se encontram os tuberculosos e os tuberculisaveis, os anemicos, os rachiticos, os enfesados, que a junta revisora regeitára, são os que constituem familia e procriam filhos em cuja phisionomia a lei ineluctavel da herança accusa os soffrimentos e a miseria physiologica dos seus progenitores.

Os desenvolvidos, sadios e robustos, são arrebatados ao seio das familias, vão passar no exercito o melhor tempo para a funcção da reproducção e produzem um numero indeterminado de filhos illegitimos, onde por via de regra as fileiras do crime e da miseria fazem o seu recrutamento.

Se voltam e casam, a sua descendencia accusa a pobresa physiologica e as doenças que seus paes contraíram n'aquella vida das casernas e de irregularidades.

A flôr da mocidade é pois no periodo da sua pujança sequestrada ao trabalho e á progeneritura.

E' em virtude d'esta relação que a curva dos casamentos e dos filhos legitimos não sobe como devia. E' um phenomeno de character permanente e portanto imperceptivel, mas cuja importancia podemos calcular pelas oscilações que accusa em tempo de guerra.

Os periodos guerreiros produzindo maior

afastamento do seio das familias permitem avaliar as curvas dos casamentos e dos filhos legitimos n'esse tempo.

Assim durante a guerra da Crimêa, houve em França, por anno, uma diminuição de 3:450 casamentos e de 10:075 nascimentos legitimos! Vinte annos depois appareceram os mancebos com mais fraca constituição e menor altura, e o numero das isempções era espantoso. E' que elles foram gerados por paes que a junta revisora regeitára.

Estes factos falam tão alto que por si justificariam a epigraphe d'este capitulo.

Ha porém mais.

A degenerescencia, a morbidez e a mortalidade são no exercito muito maiores que na população civil. O dr. Marvaud n'um importante estudo estatistico encontrou no exercito francez 541 doentes por anno em cada 1000 soldados. Mais de metade. O que se dá em França encontra-se proxivamente nos outros paizes, sendo essa percentagem muito maior ainda na Italia e na Russia.

A mortalidade militar ¹ apesar de ter diminuido com o melhoramento das condições hygienicas e alimenticias offerece ainda na população escolhida que constitue o exercito da

¹ Não me refiro á mortalidade nas batalhas.

grande republica, uma percentagem de 14 por 1:000, e a mortalidade civil 11; muito menor pois n'essa massa que ficou com os doentes e enfesados, que entre os sãos e robustos, escolhidos pela junta.

As doenças infecciosas são as que se enfurecem mais.

A febre typhoide matta em média na classe militar 9 por 1:000, e na civil 1,5 apenas.

A tísica, essa doença aristocrata que se dá bem em peitos femininos, frequentadores das salas e dos theatros, encontra-se tambem em maior escala na classe militar.

O exercito francez dá uma mortalidade pela tísica de 6 por 1:000, o inglez 8, o italiano e o russo mais, emquanto na população civil ha a média apenas de 3 por 1:000.

Esta estatistica mostra-nos bem quanto a profissão militar predispõe para a tuberculose, se attendermos sobretudo ao facto de que a junta revisora regeita todos os tuberculosos e os que para isso tenham disposição.

Ha uma especie de doenças a que as condições do celibato expõem especialmente os militares. São as doenças venereas as quaes depois vão repercutir-se na descendencia se elles contraem familia quando volvidos á vida civil.

E' de facil comprehensão o augmento da morbidez e da mortalidade no exercito. Os mi-

litares, gente de todos os pontos da provincia tirada á vida dos campos, são enviados para as cidades cuja população augmentam, e no viver accumulado, pouco hygienico e viciado das casernas, criam entre si um meio assassino para o seu organismo que definha, e uma atmosphera contagiosa, onde tudo é epidemico, os proprios costumes e habitos, os vicios, o suicidio, a loucura. E' um meio embrutecedor e estiolante onde a *malaria urbana* encontra as condições do seu desenvolvimento, e a decadencia da nossa especie um dos seus factores mais poderosos.

O militarismo é portanto um perigo grave e progressivo, verdadeiramente desastroso no ponto de vista economico, como, e principalmente, no ponto de vista da salubridade social.

Posto que a Europa contemporanea possa considerar-se para o meu proposito quasi n'um estado de guerra permanente, não é inopportuno nem alheio ao nosso fim, reportando-nos a um auctor abalizado, referir a cifra das vidas humanas e dos milhões, devorados por algumas guerras, que hoje poderiamos considerar apenas meros accidentes sobrevindo na vida de tensão bellicosa dos povos.

Leroy Beaulieu n'um importantissimo estudo que fez, investigando a perda de homens e capitaes nas guerras desde 1853 a 1866, chegou

à conclusão de que a Europa de hoje tem provas de sobejo para reputar-se barbara e dissipadora. Beaulieu demonstrou que as guerras d'esse periodo de 14 annos, excepto as que a Hespanha teve com as republicas sul-americanas, roubaram *um milhão e oitocentos mil homens*, ás familias, á humanidade, á civilisação e á riqueza das nações! N'essa voragem desapareceu a fabulosa somma de 48:230:000:000 francos ou reis 8:681:400:000:000!

Entre as muitas considerações sensatas d'este illustre escriptor, extrahimos a seguinte que nos parece edificante: «Esta quantia immensa se fosse empregada em obras de paz teria transformado as condições materiaes da vida dos povos civilisados; todavia o flagello das guerras devorou-a não só inutilmente, mas além d'isso fazendo desaparecer da face do mundo um milhão e oitocentas mil creaturas humanas.

A este horroroso quadro podemos accrescentar outro: O total das vidas que a Prussia perdeu na guerra de 70 foi de 175:000 e o da França 603:000! E' positivamente um exterminio, que só uma perversão do espirito humano pôde tolerar.

Darwin observou e formulou a lei da selecção natural em virtude da qual se opera permanentemente no seio da natureza uma elimi-

nação dos fracos que succumbem na lucta pela vida, e um avigoramento dos fortes pela selecção sexual.

Mas esta loucura da nossa epocha, este espirito de conquista perseverante, tão absorvente de actividade, de capitaes e de vidas, arrasta irresistivelmente uma selecção inversa.

Se aquella é um poderoso factor de aperfeiçoamento da especie humana, esta não é menos uma causa de decadencia e degeneração.

O militarismo é pois para o organismo social uma sangria de forças de saude, uma causa de anemia universal que importa muitas doenças e vicios.

E para que tudo isto? Para atropellar o direito abusando da força, pôr a musculatura ao serviço do egoismo, esbulhar a intelligencia do serviço do direito e da justiça.

Vae já longe o tempo em que as sociedades careciam de ser guerreiras.

As guerras foram precisas para constituir as nações, para as disciplinar, para ellas se impôrem á Barbaria e domestical-a, para levar a civilisação até onde era mister abrir o caminho com as armas na mão.

Na juventude dos povos foi mesmo um elemento e um estímulo de progresso. Foi assim que o Occidente da Europa se antecipou ás outras nações, por isso que as luctas das ra-

ças e das nacionalidades alli se feriram com maior intensidade.

Porém hoje não ha povos a disciplinar, nem Barbaria a domesticar; temos o direito e a razão para resolver todas as pendencias e dar a cada povo o que de direito lhe pertence. Temos o amor á lei que nos suggere o horror á guerra. Temos a civilisação que repudia todas as violencias que o nosso altruismo condemna.

E' em nome de todos estes principios que exornam o espirito moderno, que se levanta por toda a parte uma energica reacção contra esta reproducção do passado.

O joven e glorioso imperante allemão iniciou uma crusada de vehemente protesto contra a presente situação militar.

Em todos os paizes da Europa e até na propria França onde o espirito de represalia é tão forte como justo, aquella ideia encontra defensores intransigentes, publicistas de grande valor como Jules Simon e Naquet.

Não são só os economistas que devem pugnar por aquelle ideal. Aos hygienistas, aos medicos por mais obscuros que sejam — cumpre-lhes enfileirar-se n'esta sacrosanta propaganda com as suas observações, com todo o peso de seus argumentos, cheiros de autoridade e isemptos de paixão, a bem das nossas familias, da sociedade e da especie humana.

Proposições

Anatomia.—As invenções e exigencias da vida moderna imprimem modificações anatomicas.

Physiologia.—A civilização progride com sacrificio das leis physiologicas.

Materia medica.—O unico processo possivel de classificar medicamentos é por medicações.

Medicina operatoria.—A castração impõe-se por vezes nos fungos parenchymatosos do testiculo.

Pathologia interna.—A pathologia interna tende a desaparecer.

Anatomia pathologica.—Admitto a especificidade cellular.

Pathologia externa.—As ulceras nos paludosos revestem a maior parte das vezes os caracteristicos das febres palustres e só cedem ao tratamento especifico.

Medicina legal.—Os progressos recentes da anthropologia criminal justificam cabalmente a pena de morte.

Pathologia geral.—Os progressos da bacteriologia vieram confirmar a theoria nervosa da febre.

Partos.—Nas hemorragias uterinas depois do aborto prefiro a raspagem seguida de irrigações de agua quente.

VISTA.

Ricardo Jorge.

PÓDE IMPRIMIR-SE.

O director,

Visconde de Oliveira.